

HELOISA SEIXAS

A noite dos olhos

Contos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Heloisa Seixas

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Alguns contos deste volume, aqui retrabalhados, foram publicados anteriormente em antologias ou na imprensa.

Os versos de “O corvo”, de Edgar Allan Poe, citados no conto “Hórus” foram retirados da tradução do poema realizada por Milton Amado.

Capa e foto

Milena Galli

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Thaís Totino Richter

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seixas, Heloisa

A noite dos olhos : contos / Heloisa Seixas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3259-1

1. Contos brasileiros I. Título.

19-27418

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira

B869.3

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Para Mariza Good,
que adormeceu*

Sumário

Dilema no escuro, 9
Alexia, 14
Banhos árabes, 25
A fotografia vermelha, 39
Vingança, 48
Pequenos contos do amor assombrado (I), 57
Ano-Novo, 69
Nomes, 78
Hórus, 86
Sem mãos, 93
Ritual, 103
O poço sem pêndulo, 109
Pequenos contos do amor assombrado (II), 118
Mãos soberanas, 126
A orquídea lilás, 130
A noite dos olhos, 133
A escuridão se espalha, 141
Madrugada, 149

Dilema no escuro

Os dedos da mulher tremeram quando ela passou o ferro-lho na porta, trancando-se no banheiro. Não acendeu a luz. Não precisava. Os celulares — esses pequenos instrumentos do demônio — são como as estrelas: têm luz própria.

Apertou com força o aparelhinho na mão, sentindo a superfície lisa e fria. Era ali que estava a resposta. Sim ou não? Seria verdade? *Não é possível, não posso acreditar.*

Sentou-se no banco junto ao boxe, encostando-se ao toa-lheiro elétrico. Seus gestos eram lentos, medidos, fazia tudo como se estivesse debaixo d'água, ou na lua, ou em outra dimensão. O corpo se movimentava quase à sua revelia, mãos trêmulas agarradas ao celular, sem querer largar. Não podia fazer nenhum ruído. E se Benjamim acordasse? O banheiro era no fim do corredor, longe do quarto, é verdade. Mas ainda assim havia o risco.

Respirou fundo. Tentou se acalmar pensando em alguma coisa boa, um lugar distante, calmo, limpo. Sempre fazia isso nos momentos de agitação, costumava funcionar. Tentou. Uma praia. O sol batendo nos olhos fechados, cheiro de capim. Um silêncio

enorme à sua volta. Estava sozinha, quieta. Podia sentir nas costas as ripas da madeira de alguma espreguiçadeira. Um hotel, talvez. Uma ilha, quem sabe? O mar, dele podia sentir o cheiro. Era um mar manso, de baía. Mar de águas paradas. Droga! O barulho da descarga quase a fez saltar. As águas pútridas de um vaso sanitário, sendo esgotadas por um vizinho insone, acabavam de cortar a madrugada, tsunami de real invadindo seu devaneio.

Endireitou-se no banco, esticou as costas. Postura. As narinas expandidas sentindo o ar entrando e saindo, entrando e saindo. Pensou em recomeçar. Mas, antes, pressionou o pequeno botão vermelho do toalheiro elétrico. Queria sentir nas costas o calor, esperar que as ondas mornas que circulavam por aquele encanamento prateado transmitissem a seu corpo a antítese da frialdade, do fio de gelo que lhe subia e descia pelo estômago, pela glote.

Tinha recebido o bilhete de manhã. Alguém botara embaixo da porta. O bilhete que denunciava tudo, dava detalhes. Muitos detalhes. E dizia que, se ela tivesse dúvida, que procurasse as mensagens no celular dele.

A mulher olhou para o aparelho em suas mãos. O celular do marido. Seus olhos, já acostumados à penumbra, percebiam o brilho do vidro, a moldura de metal. Benjamim nunca me escondeu nada, ele sabe que eu tenho a senha. Essa é a maior prova de que é tudo mentira, uma intriga de alguém que tem inveja de nossa felicidade. Somos um casal tão querido, tão admirado e... Mas e se fosse verdade?

Precisava saber. Tomar coragem, pressionar o pequeno botão, ver a tela se iluminar, procurar as mensagens. Ler. E pronto. Tudo estaria esclarecido. Era simples, não precisaria nem comentar com ele, nada, nada. Amanhã seria outro dia, tudo estaria esquecido. Os detalhes. Muitos detalhes. Mas era intriga, tinha certeza, só podia ser. *Tinha de ser.*

Ligou o aparelho, o dedo pressionando a mínima saliência na borda. Digitou a senha, observou os ícones. Um deles, verde, o ícone das mensagens, olhava para ela como um olho de gato. Mas Benjamim nunca. Um homem tão digno, tão ético. Sempre tão correto em tudo. Os maridos das amigas eram diferentes. Deles, ela esperaria qualquer coisa. Mas não de Benjamim. Seu marido era um homem verdadeiro.

Desde jovens, quando se conheceram, ela o admirava. O encontro acontecera em uma festa da Faculdade de Medicina, onde Benjamim estudava. Por que ela fora àquela festa? Já não sabia bem, mas talvez tivesse sido por causa de seu trabalho de voluntária na organização de apoio a pessoas com aids. Na época, a doença era uma sentença de morte e ela se sentira compelida a ajudar. Nos quartos dos hospitais públicos, esqueletos ainda recobertos de pele olhavam para ela do fundo dos lençóis encardidos. Às vezes, havia um sorriso, um aperto de mão. Mãos amarelas, manchadas, peles que pareciam pertencer a outra categoria de seres, não a humanos. Medo. Dor. Mas um impulso a levava a continuar com as visitas. As reuniões do grupo se davam às quartas-feiras, em uma pequena sala da praça Saens Peña, na Tijuca. E os voluntários às vezes assistiam a palestras de médicos, na universidade. Viera talvez daí o contato, o convite para a festa de fim de ano na Faculdade de Medicina.

Benjamim. A recordação era fragmentada, mas ela revia mentalmente os recortes, o bambuzal derramado sobre o jardim, voltava a ouvir as conversas à beira de uma piscina de água verde, o murmúrio da mata. Fora tudo muito repentino, muito natural. Poucos anos depois, quando Benjamim se formou, já estavam casados.

Juntos, tinham sonhado com um mundo melhor. Benjamim era um homem especial. Transparente. De uma franqueza às vezes desconcertante.

“Não vamos ter filhos”, disse um dia.

Assim, sem meias palavras. Ela ficou olhando para ele, em silêncio. Benjamim explicou que o mundo precisava deles por inteiro, seriam servidores dedicados. Se tivessem crianças para cuidar, isso os desviaria do caminho. Ela aquiesceu. Tudo o que ele dizia fazia sentido.

Com o tempo, a dedicação dele se aprofundou. Horas e horas, todos os dias da semana, às vezes também aos sábados, domingos, feriados, Benjamim estava no hospital. A mulher compreendia. Mas com ela própria acontecera uma transformação. Passados alguns anos, se afastara de seu trabalho de voluntária. De repente, já não suportava o convívio com os doentes, aqueles rostos encovados, a pele escura que crestava o sorriso, os lábios ressequidos que a faziam pensar em lagartos. Tomou horror. Ainda continuou indo às reuniões, mas as visitas às clínicas não conseguiu mais fazer. Sua garganta se trancava, sentia subir pelas costas um arrepio de horror. De nojo. De medo. Mentiu. Disse aos companheiros do grupo voluntário que estava grávida, que a convivência insalubre lhe seria impossível. Meses depois, desapareceu das reuniões na Saens Peña sem se despedir.

Agora o calor emanava do metal às suas costas. O líquido misterioso que percorria os canos do toalheiro elétrico já estava quente. Ela nunca entendera bem como era o processo. Mas tinha uma satisfação imensa em sair do banho e encontrar a toalha seca, quentinha. O celular também estava quente. Mas Benjamim jamais faria aquilo. Um caso, talvez, ela ainda podia admitir, mas não uma traição tão grande. Toda uma vida paralela, casa, filhos. Filhos nunca! *Não podia ser.*

Mas e se fosse, e se fosse? O bilhete dava detalhes, muitos detalhes, o endereço, os nomes, uma coisa sórdida. Levantou-se do banco. Sentiu a pele nua das costas descolando do calor do toalheiro. Ficou de pé, a palma queimando, a outra mão ampa-

rada à parede. Sentia-se tonta, nauseada. Talvez devesse enfiar o dedo na garganta. Aliviar-se. Arrancar de dentro de si aquela história, aquele ponto escuro de dúvida, de mentiras, de calúnias, aquele bolo de horror.

Ergueu a tampa do vaso. Observou o chão de ladrilhos. No escuro, os desenhos do piso hidráulico formavam olhos, as figuras geométricas ondulavam, todo o chão parecia fugir sob seus pés. Não podia ser verdade. Se fosse, teria que jogar fora uma vida inteira de certezas. Não podia ser! Não, não, não, não deixaria que fosse. Não se deixaria levar por aquela mentira, aquele absurdo, o lodo desconhecido que ameaçava invadir sua vida perfeita, linear. Limpa. O celular queimava, queimava. Uma película de suor lhe porejava das mãos, quase como uma súplica. *Melhor não saber.* E com um impulso a mulher abriu os dedos. O celular caiu no vaso. Como uma geleira que se desprende na solidão antártica, respingou água para todo lado.

Alexia

Abriu os olhos. Não devagar, como costumava, mas de uma só vez. O movimento rápido, inesperado, fez alguma coisa arrastar sob a pálpebra, como se faltasse lubrificação às córneas. Estranho porque, ao mesmo tempo, sentia os olhos aquosos, a visão baça, levemente fora de foco. Talvez fosse tudo consequência do acordar tão brusco, ela que era uma pessoa quase catatônica, que precisava se arrastar para fora da cama todas as manhãs em direção à cozinha. Ali, às apalpadelas, mal conseguindo manter os olhos abertos, preparava o café salvador, cujo primeiro gole a colocaria, aí sim, em contato com o mundo. Mas hoje não. Hoje seu acordar fora instantâneo, diferente.

Mexeu-se na cama, virando sobre o lado esquerdo. Isso a deixou de frente para a janela entreaberta, por cuja fresta penetrava a claridade da manhã. Estava fazendo sol. Com o apoio dos braços, sentou-se na cama e esfregou os olhos. O mundo pareceu entrar em sintonia. Sentiu-se bem. Levantou-se e se encaminhou para a cozinha. No trajeto, prestou atenção nas plantas dos pés em contato com o assoalho de parquê, a madeira fria, bri-

lhante como água, gostosa de pisar, e lembrou da reunião de trabalho marcada para o final da manhã. Talvez isso explicasse o acordar imediato, o alerta. A reunião com o tal dono da gráfica paulista, com quem via uma possibilidade de se associar. Olhou para o próprio punho, à procura de um relógio que, claro, não estava ali. Mas devia ser cedo, porque tinha acordado antes de o despertador tocar.

Ao passar pela porta da rua, abaixou-se, distraída, para pegar o jornal, que o entregador enfiara pela fresta, dividido em duas partes. Pegou primeiro a parte da frente, depois o resto. Virou o jornal nas mãos e olhou a capa, enquanto seu pé varava o ar em mais um passo na direção da cozinha. E então parou. Parou como se tocada por um encantamento.

Após alguns segundos de imobilidade, pousou o pé no chão, devagar, o pé cujo passo fora suspenso. Piscando os olhos repetidas vezes, revirou o jornal nas mãos, em seguida tornando-o à posição inicial. Franziu o rosto, encostou-se ao portal. Olhou em volta, baixou mais uma vez os olhos. O jornal que tinha nas mãos estava escrito em alfabeto cirílico.

E, o mais estranho: era o *seu* jornal, o jornal que lia todos os dias. Reconhecia o logotipo no cabeçalho, as cores, a distribuição das notícias na primeira página. Até a tipologia usada, tão familiar, os volteios das letras, o formato das serifas. Tudo, tudo. Mas não conseguia *ler* o que estava escrito. Sem tirar os olhos do papel impresso, deu mais alguns passos em direção à cozinha. O que era aquilo?

Encostou-se à bancada, mas não pensou em ligar a cafeteira. Por que recebera um jornal impresso em alfabeto cirílico? Tornou a olhar em volta, sentindo-se tola. Da cozinha, espiou a fresta embaixo da porta da rua, por onde o jornal era introduzido todas as manhãs. Não sabia o que procurava — outro jornal, talvez, o jornal de verdade? —, mas aquilo só podia ser uma

brincadeira. Ou um anúncio. Claro! Era isso, só podia ser. Um anúncio. Por trás daquela página em alfabeto cirílico, na certa haveria outra igual, só que escrita em português. Virou a ponta da capa do jornal e olhou, mas não precisou de mais que um segundo para ver que a segunda página também estava escrita em cirílico. Não podia imaginar qual o significado daquilo. Sentiu um leve formigamento nas mãos, ao mesmo tempo em que a sensação de estranheza ia se solidificando.

Dobrou o jornal, botou debaixo do braço e refez o caminho até a cama, talvez pensando em recomeçar tudo do início, imaginando, por improvável que parecesse, se no quarto não encontraria uma explicação para o enigma. Talvez ainda estivesse sonhando, alguns sonhos são tão reais que quando acordamos ainda sentimos seus gostos e cheiros. Riu do absurdo. Sentou-se na beirada do colchão e fechou os olhos.

Moscou. O túnel, a parede apainelada de madeira escura, a luz cor-de-rosa dos apliques art nouveau, passando, passando, enquanto a escada rolante leva você para baixo. A sensação de reconhecimento, como se já tivesse estado lá, somada à solidão selvagem, o sobressalto de se ver perdida no metrô daquela cidade desconhecida, cercada por pessoas silenciosas, de cabeça baixa, atravessando corredores em curva, passando por painéis luminosos que não lhe dizem nada, que não lhe dão uma resposta porque estão escritos em alfabeto... cirílico.

Abriu os olhos. A seu lado na cama, estava o jornal de letras indecifráveis. Passou os dedos pela superfície de papel. Era real. O lençol sobre a cama e a réstia de sol que entrava pela fresta da cortina e o contato da sola do pé com a madeira do chão, tudo, tudo era real. Mas a estranheza parecia crescer, como se uma irrealidade fosse aos poucos tomando o mundo concreto à sua volta, como se a fantasia se imiscuísse em sua vida palpável, correndo as fronteiras.

Moscou. As gigantescas luminárias de opalina, com detalhes em bronze, pendem do teto sobre sua cabeça, sobre o chão de mármore cor-de-rosa, onde ecoam passos longínquos, sons que parecem ficar suspensos no ar como as notas de um piano fantasma. Você está com medo, você está só. O saguão de pé-direito altíssimo tem todo ele a cor da aurora, mas uma aurora alienígena, deslocada, onde o desconhecido espreita, preparando-se para... Você sente que precisa sair dali, o mais rápido que puder. Tenta correr, mas seus pés estão pesados, a imagem do corredor à sua frente é disforme, seu peito dói. Você se esforça, insiste, parece um sonho. Agora, sim, você conseguiu. O corredor de paredes esverdeadas é sinuoso, mas não é possível ver aonde vai dar, suas mãos tateiam a parede oleosa, talvez lembrando o couro de um réptil, e o pensamento que a agulha é interrompido pela visão de nova escada rolante, ainda mais íngreme que a primeira. Sua mão direita se agarra ao corrimão e você se deixa tragar, de olhos fechados, mais uma vez, enquanto a mão esquerda, viscosa, tenta em vão enxugar o suor frio do rosto.

O suor frio. De olhos bem abertos, viu que a sensação de arranhão nas córneas se repetia. Olhou desolada para o jornal sobre a cama, as letras sem sentido, o alfabeto do sonho, o alfabeto da memória que traz de volta um momento de pavor, no qual havia muitos anos você não pensava, do qual nem se recordava mais. Perdida no metrô de Moscou, sozinha percorrendo os saguões e corredores, subindo e descendo escadas, cercada por um mundo de extrema beleza mas inóspito como o nascer do sol na planície de um planeta distante.

O que está acontecendo comigo?

Resolveu que era hora de acabar com aquilo, a tentativa de entender o que não tem sentido, precisava fechar o foco de atenção, reduzir o campo, tomar decisões precisas, organizar. Primeiro: tomar banho e sair. Não podia se atrasar para a reunião,